

Do Impressionismo ao Expressionismo: a pintura européia de encontro à modernidade.

Ana Paula A. Dantas

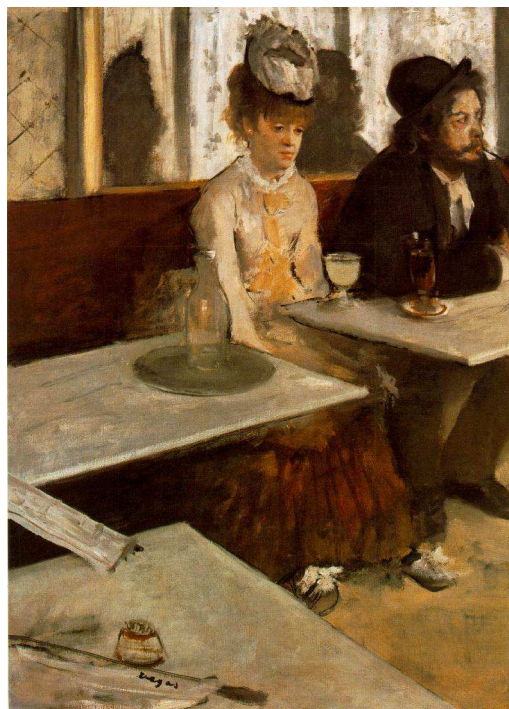
Movimento artístico que se formou em Paris entre 1860 e 1870, o Impressionismo queria romper com o passado, expressando o que era eminentemente moderno, através de uma pesquisa artística moderna. Esse movimento pressupunha o enfrentamento da realidade sem o suporte do “clássico” e do “romântico”. Tratava-se de libertar a sensação visual do artista de suas experiências, posturas e entendimentos da sociedade que pudessem, por sua vez, prejudicar a imediaticidade do *real*.

O impressionismo levou algum tempo para ser aceito pela sociedade européia, e o próprio nome do movimento surgiu a partir do deboche de um crítico sobre o quadro de Claude Monet intitulado “Impression, soleil levant” (Impressão: Amanhecer). Um entrave que esse novo movimento artístico teria que superar seria a necessidade de definir sua essência e finalidades, diante da ascensão de uma recente descoberta tecnológica: a fotografia – sobre a qual falaremos mais adiante.

Figuras importantes do movimento impressionista foram Gustav Courbet, Edouard Manet – embora não se dissesse pertencente ao movimento –, Claude Monet, Auguste Renoir, Edgar Degas, entre outros. Os impressionistas não tinham um programa definido. Nenhum interesse político ou ideológico unia esses artistas, embora concordassem em termos da crítica à arte acadêmica, da opção pelo realismo, da preferência pela paisagem e pelo trabalho ao ar livre, dando importância, nesse sentido, ao estudo das sombras e da combinação de cores complementares. A preferência também por cenas do entretenimento, como salões de bailes, cafés, concertos e teatro, era outro ponto que unia esses artistas.



Edouard Manet. *Um Bar no Folies Bergère*. 1881-82. Óleo sobre tela, 0,94 m x 1,30 m. Coleção Courtauld, Londres.



Edgar Degas. *O Absinto*. 1876. Óleo sobre tela, 0,91 m x 0,68 m. Museu d'Orsay, Paris.

Diversos impressionistas preocupavam-se exclusivamente com a sensação visual da obra, evitando a poeticidade e a emoção. Em tempos de inovações científicas – a partir de 1870 uma nova onda tecnológica sedimentava na Europa a chamada Segunda Revolução Industrial –, os impressionistas indagavam-se sobre o caráter e as possíveis

funções da arte, enfatizando a transformação que ela deveria sofrer e a importância que deveria se atribuir à técnica.

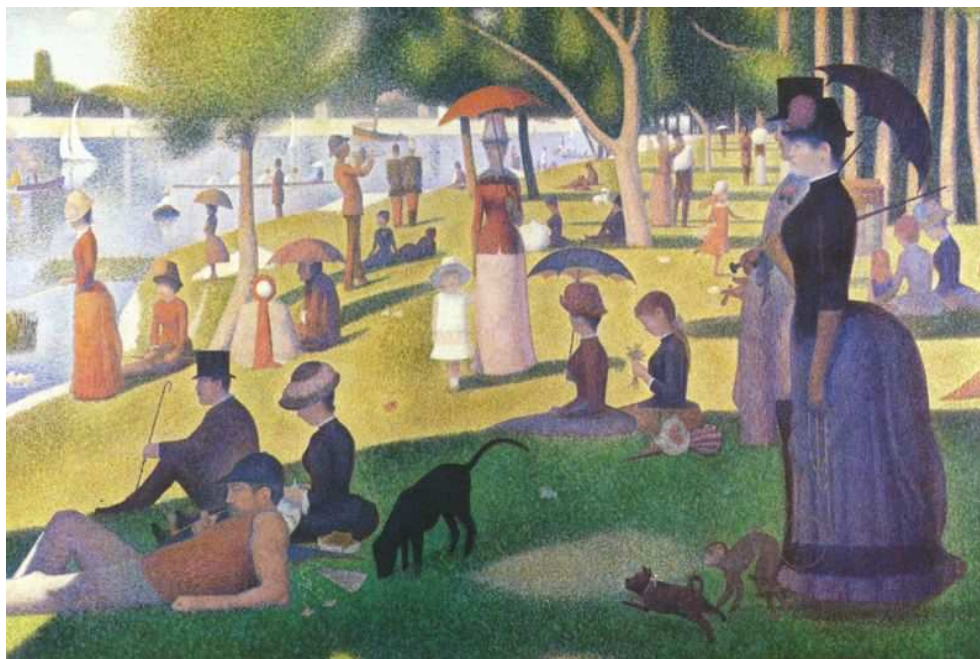
A fotografia foi inventada entre as décadas de 1820 e 1830, e ao longo do século XIX foi se desenvolvendo – tanto tecnicamente, quanto em termos de produção industrial – ao ponto de no final do século se apresentar como uma forte concorrência à pintura, sobretudo às correntes artísticas ligadas ao Impressionismo. Com a difusão da fotografia, diversos serviços antes prestados por pintores, passaram ao encargo do fotógrafo, como é o caso dos retratos.

Se a preferência pelos fotógrafos significou uma crise para os pintores de ofício, a crise foi também uma realidade para os artistas, ao passo que a pintura tornou-se elitizada. Isto é, a obra de arte deixa de ser um bem de consumo normal, passando a ser interesse apenas de um público restrito, o que fez com que sua demanda diminuísse.

Eric Hobsbawn, historiador marxista inglês, afirma que no final do século XIX, ainda que a sociedade burguesa estivesse disposta a gastar livremente com as artes, essa mera aplicação de dinheiro não era capaz de garantir uma “idade de ouro” para os artistas. Ainda segundo Hobsbawn, a fotografia tornou-se um meio de reprodução em massa da realidade e fez muito sucesso entre a burguesia. Em suas palavras, “era automaticamente óbvio que ela destruía o monopólio do artista representativo”¹.

Por volta de 1880, artistas como Georges Seurat, Paul Signac e Maximilien Luce associaram-se, com a intenção de superar algumas limitações do Impressionismo, no sentido de dar um fundamento científico tanto ao processo visual quanto ao processo operacional da pintura. A esse movimento dá-se o nome de neo-impressionismo, e ele estabeleceu uma oposição entre o Impressionismo dito “romântico” e o dito “científico”. Não se tratava, porém, de fazer uma pintura científica, mas sim colocar a pintura como uma ciência em si. Como afirma Giulio Carlo Argan, esse movimento destacou-se, entre tantos outros que, na virada do século, tentaram resgatar a pintura da condição de inferioridade em que se encontrava, devido ao desenvolvimento das tecnologias industriais e, sobretudo, da fotografia.

¹ In. HOBSEBAWN, *A Era do Capital*, p. 401.



Georges Seruat. *Uma tarde de Domingo na Grande-Jatte*. 1884-86. Óleo sobre tela, 2m x 3m. Instituto de Arte de Chicago. Nessa obra, podemos ver a utilização da técnica do “pontilhismo”, técnica instaurada pelos neo-impressionistas.

Vemos, assim, que nas últimas décadas do século XIX, com os avanços tecnológicos, a sociedade europeia passava não só por um progressivo desenvolvimento industrial, mas também por mudanças culturais significativas. A paisagem das cidades muda, as possibilidades de comunicação e de transporte aumentam em uma escala cada vez maior, o mercado mundial está em crescente expansão, e os homens se vêem confusos diante dessa rápida modernização que os toma por completo.

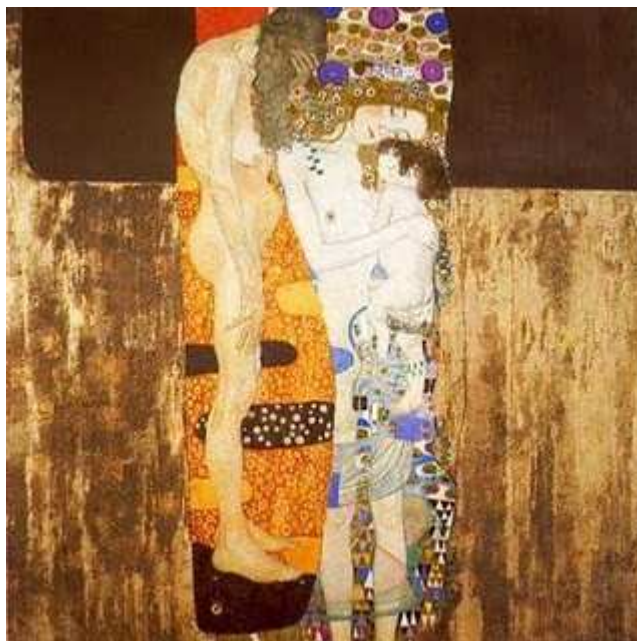
Questiona-se, então, a figura psicológica, social e profissional do artista – e esse processo não se dá somente em relação aos pintores, mas também aos literatos e intelectuais –, indicando uma crise de sua função na sociedade. A esse processo característico da passagem entre os séculos XIX e XX, costuma-se denominar *modernismo*.

Já no século XVIII, Jean-Jacques Rousseau, que morava em Paris, viria a descrever uma *modernidade* da maneira que os séculos XIX e XX a entenderiam. Em sua novela romântica “A Nova Heloísa”, ele descreve os sentimentos de um jovem do campo que há alguns meses vive no turbilhão social da cidade:

Eu começo a sentir a embriaguez a que essa vida agitada e tumultuosa me condena. Com tal quantidade de objetos desfilando diante de meus olhos, eu vou ficando aturdido. De todas as coisas que me atraem, nenhuma toca o meu coração, embora todas juntas perturbem meus sentimentos, de modo a fazer que eu esqueça o que sou e qual meu lugar.

Segundo Marshall Berman, “essa atmosfera – de agitação e turbulência, aturdimiento psíquico e embriaguez, expansão das possibilidades de experiência e destruição das barreiras morais e dos compromissos pessoais (...) – é a atmosfera que dá origem à sensibilidade moderna”².

Nessa passagem entre os séculos XIX e XX, surge nos países da Europa uma corrente artística paralela à corrente francesa do Impressionismo. Essa corrente estava dividida em diferentes grupos, de acordo com suas regiões, mas todos eles assumiram o nome de Secessão, aludindo à separação com a tradição acadêmica. Gustav Klimt, líder da Secessão de Viena criada em 1897, foi um artista ligado a uma fórmula decorativa própria, permeada por implicações simbolistas e por influências do estilo denominado *art nouveau*. Vivendo com extrema sensibilidade e melancolia o contexto de declínio do Império Austro-Húngaro, Klimt deixa transparecer um sentimento presente em quase todo o continente: a idéia de que a arte é produto de uma sociedade em extinção, ou seja, que a arte está perdida.



Gustav Klimt. *As três idades da mulher* (1908); tela 1,80 x 1,80 m. Roma, Galleria Nazionale d'Arte Moderna.

É nessa época, então, que o Impressionismo começa a ser questionado por novos artistas, que pretendem desvendar não mais o mundo externo, mas uma subjetividade coletiva. Na realidade, trata-se de uma tendência antiimpressionista que se gera no cerne do próprio Impressionismo, como consciência e tentativa de superação de seu caráter eminentemente sensorial. Esse processo – que ficou conhecido mais tarde como pós-

² In. BERMAN, *Tudo que é sólido desmancha no ar*, pp. 27-28.

impressionismo – se manifesta através de artistas como Toulouse-Lautrec, Paul Gauguin, Vincent Van Gogh, Edvard Munch e J. Ensor, e esses serão os precursores do futuro “Expressionismo”.

Vincent van Gogh (1853-1890), passou na Holanda seus primeiros anos como pintor, onde em suas telas abordava questões sociais, influenciado pela pobreza que a prosperidade das indústrias trouxera aos campos. Suas obras desse período são escuras, com temas sóbrios, justamente para expressar a miséria dos camponeses. Diante de seu insucesso, em 1886 muda-se para Paris, onde se junta aos pintores impressionistas e deixa de pintar temas sociais, aderindo então ao uso de cores fortes e luminosas, o que seria ainda mais evidente a partir de 1888, quando foi morar em Arles, sul da França.

Durante o tempo em que passou em Arles, dedicou-se à pintura de paisagens, e foi onde produziu suas melhores obras. O artista, nessa época, já questionava a pintura impressionista e suas técnicas; acreditava que, através do Impressionismo, não conseguia liberdade suficiente para expressar suas emoções. Para Van Gogh, era a cor, mais do que a forma, que determinava o conteúdo expressivo de seus quadros.



Vincent van Gogh. *Paisagem com ciprestes, perto de Arles*. 1889. Óleo sobre tela, 0,72 m x 0,91 m. Galeria nacional, Londres. Nessa obra, “tanto a terra quanto o céu mostram uma avassaladora turbulência” (JASON, p. 345).

Muito sobre a vida e a obra de Van Gogh pode ser compreendido através de cartas que ele enviava a pessoas próximas, principalmente a seu irmão Theo. Abaixo

podemos analisar um pouco do que foi exposto até agora, através de fragmentos de duas de suas cartas:

Carta de Van Gogh a Émile Bernard, Arles, abril de 1888³.

Minha pincelada não tem qualquer sistema. Eu ataco a tela com toques irregulares do pincel, que deixo como saem. (...) estou inclinado a pensar que o resultado é demasiado intranquilizante e irritante para que isso não faça a felicidade dessas pessoas que têm ideias preconcebidas fixas sobre a técnica. (...)

Trabalhando diretamente no local, procuro fixar no desenho o que é essencial – mais tarde, encho os espaços delimitados pelos contornos – expressos ou não, mas de qualquer modo, *sentidos* (...). Em suma, meu querido camarada, nada de ilusões de ótica.

Carta de Van Gogh a Theo, Arles, s/ data [c. agosto 1888]⁴.

(...) Mas é que as coisas aprendidas em Paris me estão deixando, e estou voltando às ideias que tinha no campo, antes de conhecer os impressionistas. E não me surpreenderia se dentro em pouco os impressionistas criticassem a minha maneira de trabalhar, pois foi fertilizada antes pelas ideias de Delacroix do que pelas suas. Porque em lugar de tentar reproduzir exatamente o que tenho antes os olhos, uso a cor mais arbitrariamente, para me expressar com força.

Paul Gauguin, pintor contemporâneo de Van Gogh, também procurou expressar em suas telas sua insatisfação com a civilização ocidental que, segundo ele, forçava o homem a uma vida dedicada ao ganho material e que negligenciava as emoções. O artista afastou-se da tumultuada Paris e achou sua inspiração em lugares como a Bretanha, Panamá e Taiti, onde pintava quadros que demonstrassem a simplicidade do campo e a natividade e harmonia de civilizações não industrializadas.

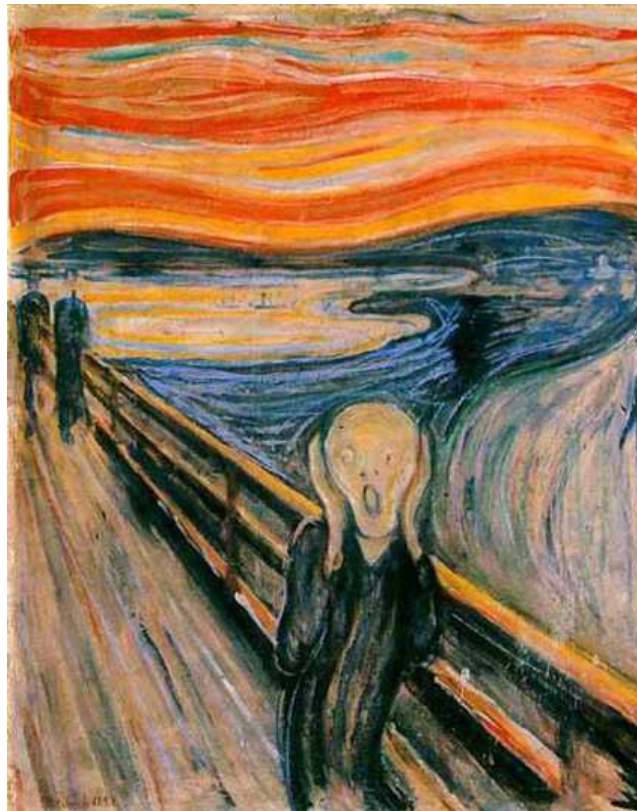
Os artistas modernistas, ainda que preocupados com a decadência que invadia o mundo artístico e literário, e até mesmo com a sensação de que não haveria uma saída para essa situação, analisavam com medo e curiosidade o impasse em que se encontravam. Segundo Marshall Berman, “nossos pensadores do século XIX eram simultaneamente entusiastas e inimigos da vida moderna, lutando desesperados contra

³ In. CHIPP, *Teorias da Arte Moderna*, p.28.

⁴ In. CHIPP, *Teorias da Arte Moderna*, p.31.

essas ambiguidades e contradições; sua autoironia e suas tensões íntimas constituíam as fontes primárias de seu poder criativo”⁵.

Esse aspecto é também muito presente nas obras de Edvard Munch, artista norueguês que, em Paris, fazia pinturas influenciadas especialmente por Van Gogh e Gauguin. Suas obras têm caráter realístico-simbólico e a partir do paradoxal sentimento modernista, Munch cria um estilo de pintura que seria precursor do Fauvismo.

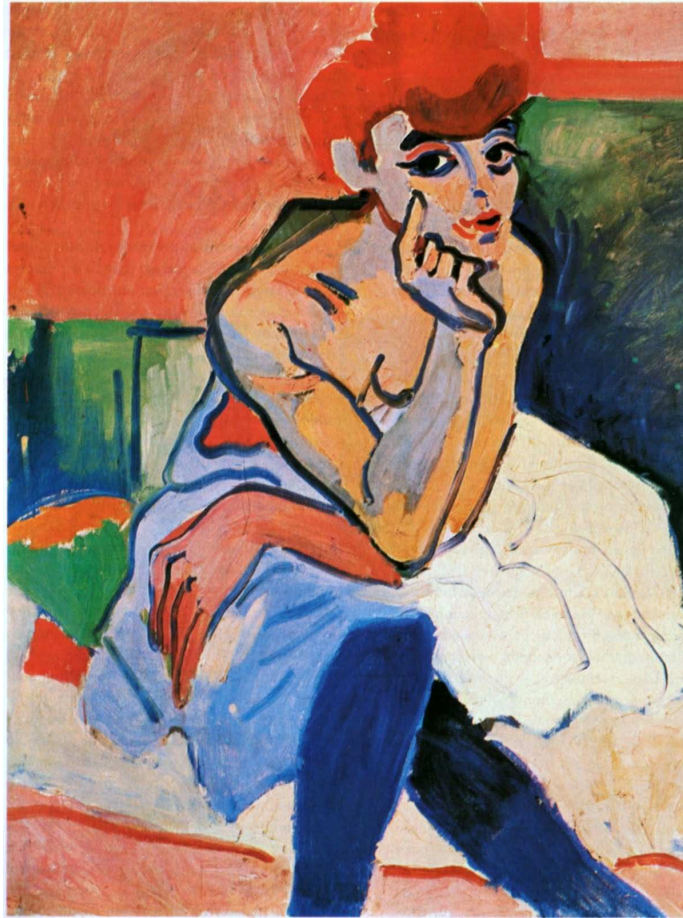


Edvard Munch. *O Grito*. 1893. Óleo sobre tela, 0,91m x 0,73 m. Museu Nacional, Oslo. Nessa obra, “o ritmo das linhas longas e sinuosas parece fazer com que o eco provocado pelo grito reverbere por todos os cantos do quadro, transformando o céu e a terra em uma grande e sonora cena de horror.” (JASON, p. 352). Para Munch, a realidade é inteiramente simbólica.

Com a virada do século, forma-se em Paris um pequeno grupo de artistas formado por Henri Matisse, André Derain, Maurice Vlaminck, entre outros, que seriam denominados *Les Fauves* (As Feras). O Fauvismo, que durou o breve período de 1904 a 1907, seria um estilo de pintura com uma evidente liberdade de expressão, e que pode ser considerado como um movimento expressionista particularmente parisiense. Kees van Dongen, integrante do movimento, afirmou que o Fauvismo não sustentava

⁵ In. BERMAN, *Tudo que é sólido desmancha no ar*, p.35.

princípios definidos, seus integrantes pensavam “apenas que as cores dos impressionistas eram um tanto monótonas”⁶.



André Derain: *Mulher de combinação* (1906); 1 x 0,81 m. Copenhague, Statens Museum for Kunst.

O Expressionismo surge como superação do movimento Impressionista. Segundo Giulio Argan, “literalmente, *expressão* é o contrário de *impressão*. A impressão é um movimento do exterior para o interior: é a realidade (objeto) que se imprime na consciência (sujeito). A expressão é um movimento inverso, do interior para o exterior: é o sujeito que por si imprime o objeto. (...) O Expressionismo se põe como antítese do Impressionismo, mas o pressupõe: ambos são movimentos *realistas*”⁷.

Essa tendência expressionista floresceu especialmente na Alemanha moderna, mas a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) pôs fim à carreira de alguns dos principais pintores expressionistas. Sendo assim, o ápice dessa tendência artística ocorreu antes da guerra, embora a principal atividade expressionista em outros âmbitos, sobretudo na literatura, viesse depois dela.

⁶ In. STANGOS, *Conceitos da Arte Moderna*, p.11.

⁷ In. ARGAN, *Arte Moderna*, p. 227.

Bibliografia:

ARGAN, Giulio Carlo. *Arte Moderna*. Tradução de Denise Bottmann e Federico Carotti. 10ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. Tradução de Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti. 2ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

CHIPP, H. B. *Teorias da Arte Moderna*. Vários tradutores. 2ª Edição. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

HOBBSBAWN, Eric J. *A Era do Capital, 1848-1875*. Tradução de Luciano Costa Neto. 14ª Edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009.

JASON, H. W. , JASON, Anthony F. *Iniciação à História da Arte*. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. 2ª Edição. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

STANGOS, Nikos (org.). *Conceitos da Arte Moderna*. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.

Filmografia de apoio:

“**The Impressionists**” – Minissérie produzida pela BBC em 2006, que reconstrói as origens do movimento impressionista. Uma versão legendada pode ser vista pelo YOUTUBE:

Episódio 1,

Parte 1 <http://www.youtube.com/watch?v=pvpauKgE5Dc&feature=related>

Parte 2 <http://www.youtube.com/watch?v=B2TqXWu1kXA&feature=related>

Parte 3 <http://www.youtube.com/watch?v=-hh-MjyNFEQ&feature=related>

Parte 4 <http://www.youtube.com/watch?v=Q1IxZCldS5A&feature=related>

Parte 5 http://www.youtube.com/watch?v=StzAp5USU_Q&feature=related

Episódio 2,

Parte 1 <http://www.youtube.com/watch?v=k2PWNvf0fJ0&feature=related>

Parte 2 <http://www.youtube.com/watch?v=Fxr63-n-Q&feature=related>

Parte 3 <http://www.youtube.com/watch?v=qjPr8HnTytQ&feature=related>

Parte 4 <http://www.youtube.com/watch?v=YrJ-7cVp3X8&feature=related>

Parte 5 <http://www.youtube.com/watch?v=sSqEpn95m34&feature=related>

Episódio 3,

Parte 1 <http://www.youtube.com/watch?v=Z5dIIMsCRk4&feature=related>

Parte 2 <http://www.youtube.com/watch?v=AigPpnLPAYs&feature=related>

Parte 3 <http://www.youtube.com/watch?v=jhYv23J8Jps&feature=related>

Parte 4 <http://www.youtube.com/watch?v=J6KYM-XCdiE&feature=related>

Parte 5 <http://www.youtube.com/watch?v=rwarPz10QhQ&feature=related>

“O Poder da Arte”, episódio 6 : Série produzida pela BBC sobre diversos artistas. O episódio 6 é dedicado à vida e obra de Vincent van Gogh, e também pode ser visto pelo YOUTUBE:

Parte 1 <http://www.youtube.com/watch?v=qGRLCxI6Ye0&feature=related>

Parte 2 <http://www.youtube.com/watch?v=VZqKPIQ90F4>

Parte 3 <http://www.youtube.com/watch?v=noMjebxZyG4&feature=related>

Parte 4 <http://www.youtube.com/watch?v=BCJQRD9Scyw&feature=related>

Parte 5 <http://www.youtube.com/watch?v=mOVAofu7tnI&feature=related>

Parte 6 <http://www.youtube.com/watch?v=xkRQ6GHIwNE&feature=related>